

A IGREJA E O PROBLEMA AFRICANO

I - Introdução

Quando, nos grandes aeroportos de Amsterdão, Londres ou New York, vemos a imensa corrente humana que se desloca de uns continentes a outros, percebemos existencialmente que o mundo é pequeno. Sabíamos-lo já - bastaria a velocidade com que nos chegam em cada dia, de cada canto do mundo, as notícias mais diversas, para sermos capazes de o comentar em amenas conversas de serão. Mas é uma sensação inteiramente nova a de nos vermos transportados do rigoroso inverno europeu para o verão africano em plena região tropical, numas breves 9 horas.

Nada do que ocorre no mundo nos é estranho. É a corrente humana que percorre a superfície do globo, anulando todas as barreiras de comunicação entre os homens, vêm sobrepor-se ainda todas as tentativas de quebra das fronteiras económicas. A solidariedade intrínseca entre os homens tem necessariamente de tornar-se um facto real.

Em qualquer preocupação de ser exaustiva, gostaria de tentar olhar para o mundo e ver a fisionomia humana que nos apresenta.

A primeira nota que decorre imediatamente da internacionalização da vida humana é a da pequenez do mundo. Mundo sem fronteiras, mundo sem distâncias, cada vez mais mundo sem segredos, tal é a primeira realidade com que deparamos. Exigência de humildade perante o pouco que somos, perdidos num mundo limitado. Exigência de simplicidade e de verdade perante a realidade complexa mas una que nos cerca.

Mas não é só um mundo pequeno, este. É também um mundo com uma fisionomia constantemente variável. Tal como o mundo físico muda de aspecto por transformações violentas ou pelas que lentamente se elaboram no seio da terra, também o mundo dos homens - a geografia humana - é variável. Muda o mar o recorte das costas, desfazendo e criando portos; avança o Saará em cada ano inexoravelmente pela floresta africana; transforma-se talvez o Antártico em região cultivável e habitável para o homem. Também entre os homens variam os climas e os desertos. Fruto de ideologias que se propagam e rapidamente tomam vulto numa conjugação fortuita de circunstâncias, o que era antes lago torna-se vulcão, o que era antes planície torna-se deserto. O movimento que se produz entre os povos árabes, de violenta reacção ao Ocidente, ou a transformação por que passou a China comunista desde o fim da guerra até hoje, são exemplos dessa mutabilidade dos povos.

É assim que a geografia real do mundo não é a que nos mostram os mapas. A Algéria pode, em certa época, porque é o centro de numerosos problemas políticos, alargar-se no mapa humano e como que absorver tudo o resto. E a Ásia pode, apesar de nela viver 53% da humanidade, ser ainda hoje (mas possivelmente por pouco tempo) uma mancha difusa no mapa mundial.

Ao olharmos este mapa vivo do mundo na perspectiva do tempo, vemos avolumar-se, nestes últimos anos, o continente africano, que, de mera descrição fantasiada de livros de aventuras, se transformou para o mundo de hoje numa inquietação e num apelo.

A crise do canal de Suez, as revoltas do Kenya, o "apartheid" da África do Sul, a independência de Ghana, e ainda neste momento as lutas da Algéria, estão bem perto de nós para que possamos ignorá-los. A conferência de Bandung, centrada na afirmação do direito à autonomia dos povos asiáticos e africanos, não foi um mero jogo político. Ao mesmo tempo tomou forma e expressão toda a problemática político-económica do continente africano e tornou-se patente aos olhos da Europa o esforço de valorização cultural dos povos de cor.

As preocupações políticas vieram rapidamente acrescentar-se os interesses económicos na descoberta das possibilidades industriais africanas e do seu mais completo aproveitamento.

Não era a África um continente morto como muitos pretendem fazer crer. Grandes impérios floresceram em África, sobretudo no que é hoje a África Francesa, o Império de Ghana, de que o actual estado tirou o nome, existia no século III da nossa era; Impérios com leis especiais de comércio, de direito, de moral, vivendo unicamente da tradição oral, com uma arte própria extremamente rica.

Fenómenos sucessivos de condições climáticas e de lutas entre tribus enfraquecem a civilização africana. Posteriormente, a invasão muçulmana pulveriza grandes sectores da vida africana e o contacto com a Europa mercantil parece ter-lhe esgotado as últimas possibilidades de sobrevivência como civilização autónoma.

As divisões geográficas entre os vários países da Europa nos fins do século XIX e princípios deste século acabaram por criar situações artificiais sem um enquadramento humano verdadeiro.

E é numa massa humana disseminada ao longo de um continente (com tão fraca densidade de população que bem pode falar-se em pulverização) que problemas de toda a ordem se agitam e um mundo novo se constroi. Novo na problemática que traz consigo, novo na fisionomia diferente que nos apresenta, novo na integridade dos seus recursos naturais ainda por explorar, novo na plasticidade que oferece a quem nele quiser moldar novas formas de vida.

Esse mundo novo quebrou em poucos anos a letargia com que globalmente surgia aos olhos do mundo - a África é hoje um continente em marcha na conquista da sua própria personalidade e no esforço difícil de penetração dos valores que a civilização ocidental lhe oferece.





Que significa para a Igreja este nascimento duma África nova? Nunca, como nestes últimos anos, a Igreja Hierarquia se preocupou com os múltiplos problemas do povo africano. Declarações sucessivas dos Bispos de África: do Bispo de Rabat, em 53; dos Bispos do Tanganika, em 53; dos Bispos de Madagascar, em 54; dos Bispos dos Camarões, em 55; dos Bispos da África Ocidental Francesa e do Togo, em 55; dos Bispos do Congo Belga, em 56; dos Bispos da Costa do Ouro, em 57. Declarações visando os mais variados aspectos da vida africana: o código do trabalho, a imoralidade, a poligamia, o trabalho forçado, o salário justo, o sindicalismo, o respeito das civilizações autóctones, a condição da mulher...

E finalmente o Santo Padre, em 57, veio retomar e confirmar todas essas declarações, sintetizando-as na Encíclica "Fidei donum". Com a Encíclica, o Santo Padre não pretendeu dar um código de evangelização para o continente africano. A Encíclica dirige-se muito mais às cristandades já estabelecidas do que à Igreja nascente de África. O Santo Padre mostra claramente que é à Igreja do mundo inteiro que se dirige.

Mas poderá perguntar-se: que significado têm para a Igreja os acontecimentos do continente africano? Como os assume ela?

II - A Igreja perante os grandes problemas do mundo de hoje - sentido cristão da História

Os problemas que se põem, a agitação que surge aqui ou além, não têm uma finalidade em si próprios nem são sectores dum círculo fechado. Os acontecimentos do mundo político, económico, social, cultural, são a expressão, eivada do limitado e do erro dos homens, de qualquer coisa que os transcende. Ao definirem-se e concretizarem-se, transmitem uma história que não se circunscreve às circunstâncias, mergulham fundo num mistério que está para além do simples exame lógico dos factos.

A História Santa é a história do povo escolhido por Deus. Desde o princípio da vida humana sobre a terra, Deus estabelece uma aliança com a humanidade. Todo o Antigo Testamento não é mais do que os primeiros passos dessa aliança, ora comprometida, ora dificilmente seguida numa tentativa de fidelidade construída sobre as grandezas e falhas dos homens. Essa história prepara e prefigura a vinda de Cristo. É Ele que explica todo o universo criado, é Ele que explica o homem. O homem-indivíduo e o homem-humanidade inteira. Para Ele tudo converge ao longo do tempo e n'Ele se ratifica, em toda a pureza, a aliança de Deus com o seu povo. Quando sofre e quando ama, quando luta e quando espera, a humanidade prepara em si o caminho para o Cristo, não segundo um determinismo absoluto, mas segundo um encontro, misteriosamente fecundo, do Amor de Deus e da liberdade dos homens. A vinda de Cristo é o único acontecimento histórico com sentido em si mesmo, o único que não carece de ser explicado, o único que explica tudo o mais.

Católicos do século XX, dispersos em mil e uma actividades quantas vezes sem sentido, conscientes da nossa própria me-



diocridade, perdidos na nossa satisfação pessoal, nós somos o povo escolhido por Deus ; connosco se faz a História Santa.

E a história dos nossos dias e os problemas que inquietam o mundo e o aparecimento da África no concerto das nações são aspectos dessa mesma história, pedras com que ela se constrói.

A atitude da Igreja perante o mundo actual não é, por isso, outra senão a de tornar visível, no tatear dos homens, o plano escondido de Deus e de, em cada momento, mostrar o caminho para que das lutas e das aspirações dos homens nasça o verdadeiro plano de Deus sobre o mundo.

A Igreja está longe, pois, de se confinar aos actos do culto ou mesmo a uma forte doutrina moral. Ela é expressão duma vida - Vida do próprio Cristo na comunidade dos homens. Por Ela completa-se a Redenção, n' Ela se realiza o Cristo total.

Mas o Cristo total toma forma ao longo dos tempos até à segunda vinda que há-de culminar o fim da história. Então Ele aparecerá glorioso entre os homens e as nações se congregarão à volta d'Ele.

Resolver os problemas que se põem no plano internacional numa perspectiva cristã, evangelizar o continente africano e ajudá-lo a resolver os seus próprios problemas, é apesar a vinda de Cristo, é contribuir para que se apresse o "mistério de salvação das nações" de que insistentemente nos fala o P. Daniélou nos seus excepcionais livros.

E, nesse caminhar para a vinda de Cristo, a Igreja é a Esposa que se reveste do manto multicor de que nos fala o Apocalipse. Ela não é uma pequena Igreja, confinada à paróquia ou a meia dúzia de santas almas que conhecemos. Ela não estará completa senão quando nela se reunirem todas as nações. Então a unidade que hoje é tentativa, reflexo incerto, tornar-se-á realidade profunda. Unidade que não significará o aniquilamento de valores de uns em benefício de outros, mas será o pleno florescimento dos dons próprios de cada povo na harmonia do concerto universal das nações. A Igreja será tanto mais rica quanto mais verdadeiramente nela se inserir cada povo e cada raça, com os seus costumes, seu perfil psicológico, seus valores culturais, Tal é o sentido último da universalidade da Igreja.

III - Sociologia da África

Uma primeira advertência a fazer quando se encara o continente africano, é que não existe um problema africano - embora se equacionem os mesmos dados fundamentais, ao incarnarem em condições sociológicas diferentes, tomam aspectos diversos e até opostos. Não pode, por isso, pensar-se que a África se reduz a meia dúzia de romances fáceis, de solução ainda mais fácil. Duas condições são necessárias :

- um conhecimento profundo dos princípios doutrinários em causa
- uma análise cuidada da situação de facto em cada caso



A multiplicidade das situações concretas e as condições especiais de que se reveste cada solução implicam um estudo sério e profundo. Não bastam ideias isoladas, não bastam esforços resultantes de boa vontade. Fundamentalmente são necessários aqueles que orientam a sociedade, que criam e transformam a mentalidade reinante, que estabelecem as estruturas sociais e as informam numa mesma orientação, que conduzem os outros homens. Para além dos problemas particulares de técnicas, actividades ou condições sociais, põe-se a exigência básica da formação de elites africanas.

É esta a condição sub-jacente a tudo o mais e que levou à criação de Universidades em quase todos os territórios africanos e que insensivelmente tem impellido milhares de negros para as Universidades europeias e americanas. Veremos adiante como se enquadra esta formação universitária de uma minoria no nível cultural da grande massa.

Se na verdade queremos elites africanas, teremos de procurar que o encontro entre os elementos dispersos do que poderia chamar-se uma cultura africana e a cultura europeia se dê sem mutilação, no respeito mútuo e numa assimilação integrada.

As elites africanas têm de ser formadas na consciência profunda da responsabilidade que lhes cabe no destino dos respectivos povos. A ideia de uma missão a desempenhar está apenas presente num pequeno grupo a que pertencem os católicos. Para muitos estudantes africanos, a cultura representa poder, prestígio e dinheiro. Para poucos ela é apelo ao serviço generoso dos outros homens. (Não é indiferente a esta situação a atitude comum entre as elites europeias).

Se falamos em elites africanas, não pretendo circunscrever o futuro de África a uma aristocracia de cultura. Paralelamente uma massa humana de muitos milhões espera, mesmo sem o saber, o mínimo que a dignidade da pessoa humana exige. E toco assim o segundo grande problema africano: a pessoa humana, na sua singularidade. Reconhecido o facto essencial de que a natureza humana é uma, qualquer que seja a raça ou a classe, importa dar a cada homem o direito de ser plenamente homem. Não são por isso objectivos colectivos enquanto tais que nos devem preocupar: industrialização, estruturas políticas, instituições culturais. Por si mesmos eles têm sentido, mas sempre subordinados ao homem-indivíduo. É para este que todas as coisas são feitas.

Isto que acabo de dizer é absolutamente geral e pode ser aplicado a qualquer continente. Porquê então referi-lo como problema africano? É que em África dá-se actualmente a transição dum sistema social em que a pessoa está subordinada ao pequeno grupo (a família, a tribo e o clan), em que, embora muitas vezes se viole a liberdade individual, se lhe dá ao menos um enquadramento propício ao diálogo humano. Nas relações de dependência o homem pode ainda afirmar-se como tal. Mas a sociedade em que o africano entra, cortando-lhe os quadros tradicionais, não lhe oferece a suprema dignidade de ser homem. Provam-no eloquentemente os aglomerados indígenas que se encontram à volta de todas as grandes cidades africanas. Aí, uma massa humana, completamente destribalizada, vive à margem da sociedade urbana, pronta a responder, sem qualquer

escrúpulo, a todo o recrutamento do vício, do crime ou da política de ruas.

É preciso pois que na transformação actual a pessoa humana permaneça intacta, não como pura abstracção mas em todas as múltiplas ligações em que se define, com tudo o que o seu meio próprio lhe traz de enriquecedor, e com a possibilidade essencial de estabelecer com os outros homens, quaisquer que sejam, laços de solidariedade e de amor.

É evidente ainda que, ao analisarmos os problemas que se põem em África, não podemos deixar de definir a atitude justa no encontro das duas civilizações: ocidental e africana. É muito fácil cair num de dois extremos: por um lado (e foi esse o erro de muitos séculos de paternalismo vaidoso) pensa-se que a civilização ocidental é detentora de todos os valores positivos da cultura e que a civilização africana não tem senão que adaptar-se e colher a lição que os europeus lhe quiserem dar. Complexos de submissão e de ódio, revoltas latentes, esmagamento de pessoas e de grupos, autêntico homicídio moral - tal é o resultado global de tal atitude.

Por outro lado, e porque se viram os erros do passado, cai-se facilmente na atitude oposta, que, pretendendo pôr em relevo o que há de grande e de positivo e de novo na civilização africana, se deslumbra duma forma cega e irracional por tudo quanto é africano, indo até o extremo de pretender uma filosofia africana, quase mesmo uma moral africana...

A uma e outra atitude há que dar a dimensão certa - há na civilização africana valores importantes e novos que interessa descobrir e enquadrar na vida humana na Europa e nas Américas. Há aí toda uma riqueza de cultura e de sentido da vida, que toca de perto a atitude existencial do homem de hoje na sua tomada de consciência perante o mundo que o cerca.

Mas os valores africanos não são únicos nem totais. Tal como o Santo Padre lembrou, a Europa é detentora de um património cultural que tem o dever de transmitir aos outros povos. Pesa-lhe ainda mais a responsabilidade única de ser a civilização em que os valores cristãos incarnaram mais profunda e longamente. Não pode pois demitir-se da mensagem que tem de transmitir, mas tem de transmiti-la integralmente e na sua máxima pureza, consciente dos valores que encontra entre os africanos.

É com estas ideias básicas que podemos olhar com equilíbrio os problemas africanos.

O primeiro é o condicionalismo do próprio clima, que, devido às características geográficas, é muito mais duro que nas mesmas regiões tropicais da Ásia. A pobreza dos solos é agravada ainda pelas consequências da erosão dos ventos e das chuvas, tornando-se muitas vezes praticamente infecundos. Daí a fraca densidade de população, com cerca de 5 hab./km.2.

A agricultura constituiu e constitui ainda a base da economia africana. Aquele cuidado equilíbrio, de que falei há pouco, tem já aqui a sua aplicação (Porque a cultura dos amendoeiros reveste muito interesse para a economia ocidental, esgotaram-se completamente os solos de algumas regiões africanas, sem se fazer um estudo sério das condições do solo africano).



Duma economia baseada unicamente num sistema de troca directa, predominantemente agrícola, e, em alguns casos, com completa colectivização dos rendimentos, a África tem de passar a uma estrutura economicamente mais evoluída, em que a indústria há-de desempenhar um papel fundamental (aproveitamentos hidro-eléctricos e reservas mineiras). Num continente em que o cultivo da terra se fez durante milénios com os mesmos gestos rituais, à quem de toda a forma de mecanização, são indispensáveis técnicos que construam barragens ou centrais nucleares, que aumentem o rendimento da agricultura, que projectem e explorem as indústrias base de qualquer economia.

O problema económico é agravado em quase todos os territórios africanos pelas despesas que acarretam os órgãos de administração. Os chamados negros evoluídos têm, em alguns territórios, acesso à administração, mas difficilmente se pode admitir que essa promoção tenha sido feita na melhor direcção. Criou-se uma burguesia negra com todos os defeitos inerentes a qualquer classe instalada, sem salvaguardar a forte ligação familiar ou tribal que impediria a formação de classes mesmo entre os negros. De notar é, porém, que, apesar de tudo, o negro, vivendo sub-alimentado, não tem qualquer sentimento de aversão para com os que da sua raça alcançam uma posição social e economicamente superior. Para eles, tal facto é essencialmente uma vitória do homem negro sobre o branco e, como tal, provoca regozijo geral. A luta rática tem para o negro o primeiro plano. Consciente ou inconscientemente, o racismo é a atitude comum dos europeus em África - mesmo que se não manifeste dum forma abertamente hostil, traduz-se na convicção sempre presente da superioridade da raça branca. A reacção do negro torna-se extremamente violenta e por isso pode falar-se em racismo anti-racista. Em alguns territórios africanos procura a segregação sistemática dos brancos, por meios violentos ou por uma lenta guerra fria. Quando muito, o negro evoluído pensa que pode aproveitar o branco enquanto este lhe for útil. Fá-lo principalmente em ordem ao desenvolvimento das técnicas industriais e ao estabelecimento das estruturas políticas.

Não é fácil, na verdade, construir nos territórios africanos as condições políticas que integrem os novos sistemas económicos e, simultaneamente, tenham em conta as leis e as tradições por que se regeu durante séculos a sociedade africana. Rigidamente estruturada, de tal forma que qualquer infracção à autoridade pode ser punida mesmo com a morte, a sociedade africana vive da tradição oral, cuidadosamente transmitida de pais a filhos. A lei é feita do costume e este alimenta-se sobretudo dos interesses da tribo ou do clan.

São por vezes de tal modo diferentes ou mesmo antagónicos esses interesses que a luta de tribus definiu durante muito tempo as relações dos povos africanos. E hoje, ao pretender-se formar um território africano, encontra-se este estratificado em grupos muito mais estanques em relação uns aos outros do que as diferentes classes sociais nos países de civilização ocidental. Daí que o africano comum tenha dois sentimentos fortes - o que o liga à tribo; o que o liga ao continente africano no seu conjunto. A nação tem para ele quase nenhuma autonomia, e de tal forma que a identifica com o estado, isto é, com a sua expressão política e jurídica.



Esta debilidade do sentimento nacional oferece um mínimo de garantias de estabilidade ao crescente movimento de emancipação. Como é do domínio corrente, o grande slogan na África actual é a libertação de qualquer tutela política. Tal libertação é legítima na medida em que os povos possuem as condições necessárias para se determinarem a si mesmos. Mas arrisca-se a ficar comprometida ou a ser facilmente posta ao serviço de ideologias anti-humanas ou de meros jogos políticos, se ao sentimento nacional não for dada uma estrutura sólida e uma expressão adequada. É evidente que por sentimento nacional não entendo o que resulta de mera localização geográfica, mas o que se alicerça na consciência de um património comum.

Qualquer estrutura tem porém de fazer face a problemas sociais da mais variada ordem. A noção de autoridade exige um longo treino dos africanos. Habitados à autoridade incondicional do chefe da tribo, que se exerce em todos os sectores da vida privada e que se transmite por antiguidade ou hereditariedade, dificilmente aceitam uma autoridade que se exerce em virtude de promoção cultural ou de preparação técnica. Assim é que muitos dos universitários africanos se vêem perante o problema angustioso : ou o desenraizamento dos seus grupos étnicos ou o enquadramento na sua tribo na completa dependência do chefe e sem poderem exercer a função de chefia e orientação e, portanto, de serviço, que seria a sua.

Estreitamente ligada à questão da autoridade, está toda a estrutura jurídica da família. Em nenhuma tribo africana a família tem naturalmente as duas características essenciais :
Fundação Cuidar o Futuro
- ser praticamente a célula-base da sociedade - a tribo é a verdadeira família do africano, originando no estado de transição actual os mais graves problemas (caso do universitário com 20 ou 40 pessoas a seu cargo)

- haver uma igualdade fundamental de direitos e deveres do homem e da mulher na vida familiar. A família africana é patriarcal ou matriarcal, e com estes termos designa-se um tipo de relação jurídica em que só um dos ramos (o do pai ou o da mãe) conta verdadeiramente. No regime matriarcal, por exemplo, os filhos de uma determinada mulher pertencem, de certo modo, mais à família materna, em especial aos irmãos da mãe, do que ao próprio pai.

A família africana é fortemente determinada pelo lugar que a mulher tem na sociedade africana. É certo que a mulher em quase todas as tribus negras é olhada em função da sua missão maternal. É, porém, não só pouco considerá-la unicamente nesse ângulo, como é mutilação encarar a maternidade só no aspecto natural. Em muitas tribus, a mulher é, além disso, o instrumento de produção, subordinada aos duros trabalhos da terra, cuja fecundidade a mulher, na sabedoria negra, despertaria e estimularia. Reduzida a mera função, a mulher está longe de exercer a influência que uma sociedade cristãmente constituída lhe exige. A concepção da mulher na sociedade africana está seriamente mutilada num aspecto essencial : a virgindade é para os negros um valor negativo. Ora uma sociedade, em que a pessoa não vale por si própria enquanto pessoa, arrisca-se a comprometer os valores essenciais. Este é o traço mais profundo do paganismo africano.



A concepção da mulher condiciona as leis do matrimónio e a própria moral familiar. Dois problemas são particularmente importantes neste domínio : a poligamia e o dote.

O dote consiste na entrega pelo futuro marido, à família da mulher, duma determinada quantidade de bens, variável com as regiões e com a riqueza das famílias em questão. É o exemplo típico de um problema comum à África inteira mas revelando aspectos completamente diferentes. Em muitas regiões, o dote aparece como uma compra da mulher, reduzida assim a puro objecto. Os problemas morais que suscita são gravíssimos, principalmente entre recém-convertidos ao catolicismo. É na África do Sul que atinge mais graves proporções. Mas o dote teve uma origem diferente e conserva ainda em algumas regiões esse valor de símbolo :

- por um lado, aparecia como símbolo da união entre duas famílias

- por outro, sendo a mulher considerada como fonte de vida, o marido sentia-se no dever de a substituir de algum modo na família a que a mulher pertencia. Essa ideia ia muitas vezes até à troca de mulheres de famílias diferentes.

O dote hoje não pode constituir impedimento a uma vida cristã séria, mas é possível integrá-lo numa perspectiva cristã, se lhe restituirmos o primitivo valor de símbolo (Aliás outra coisa não fez a Igreja com as alianças de casamento do mundo ocidental e que resultaram também dum costume entre os bárbaros da Germânia).

O problema da poligamia apresenta-se também sob duas facetas :

- por um lado, a poligamia resulta do pecado original existente no homem. Só um cristianismo verdadeiro pode libertar o homem do pecado. É preciso ensinar aos negros que é possível encontrar a novidade, que eles procuram na poligamia, numa unidade espiritual única muito profunda e fecunda - há aí a riqueza da descoberta e do encontro sempre renovados. É este um testemunho mais convincente que os casais europeus têm de dar na sociedade africana

- por outro lado, a poligamia tem ainda um aspecto económico : uma nova mulher é para um negro mais uma possibilidade de trabalho nas terras sem que aumentem as despesas... Não podem, por isso, e por razões legais unicamente, tomar-se abruptamente atitudes rígidas. Ouvi-o dizer há 3 meses a um Bispo negro do Congo Belga. Só a evangelização pode ser suficientemente forte para lhes pôr o problema em toda a sua profundidade. E, por outro lado, é necessário construir estruturas económicas e condições de protecção dos trabalhadores e plantadores, que lhes permita olhar a poligamia só no seu aspecto moral.

As condições da vida familiar são ainda profundamente afectadas pela sub-alimentação, pelas doenças provenientes do clima e da não-existência de higiene e profilaxia adequadas, pelas práticas supersticiosas de determinados ritos.

É óbvio que a existência de todos estes problemas põe antes de mais a necessidade de uma cultura de base que permita dar aos negros condições de vida verdadeiramente humana. Há em África mais de 70% de analfabetos, pouca instrução secundária e pouquíssima instrução universitária. Em muitas tribus mesmo em regiões de missão, a instrução elementar não foi seguida de uma instrução adequada.



Os africanos sentem a necessidade de um desenvolvimento intelectual rápido como suporte da sua tendência à maioridade política e à autonomia económica. Mas essa necessidade corre o risco de ser procura única de especialização técnica e negligência dos sectores do pensamento que fundamentam a verdadeira cultura. Não há nas Universidades africanas, com excepção das duas Universidades Católicas e da África do Sul, faculdades de letras, filosofia ou direito. Perdida a sabedoria ancestral que a tribo podia dar, o africano não encontrou ainda o enquadramento cultural que lhe dê a possibilidade de ver os problemas do seu continente em toda a extensão e profundidade. O mesmo erro da civilização ocidental está a repetir-se em África - ainda é tempo para que a Europa tome consciência disso e ajude os negros a passarem, sem deturpações fáceis, de uma civilização de técnicas rudimentares para o período dos grandes desenvolvimentos nucleares.

Quando falo em enquadramento cultural, não quero significar assimilação aos valores ocidentais. Mas a falta de unidade dos elementos culturais africanos postula a necessidade de uma integração desses valores num esquema intelectual mais completo. Ora essa integração faz-se para a grande maioria dos africanos através do contacto com os europeus. Não há pois esforço civilizador real onde não houver a transmissão de uma cultura integrada. (Diferença entre os africanos de língua francesa e os de língua inglesa).

A promoção cultural dos africanos não pode fazer-se ignorando os valores que a civilização negra possui. Esses valores têm em si uma autonomia tal que marcam de tal forma a alma de cada negro que é possível dar um nome à expressão global que assumem. É assim que o termo negritude aparece na literatura sobre África, dos últimos anos, exprimindo uma atitude perante a vida, traduzindo uma situação do homem no tempo. Que elementos integram essa negritude ?

Nos aspectos exteriores em que se traduz, a negritude dá forma a uma arte própria. Mais : determinadas ideias ou sentimentos, que o europeu procuraria laboriosamente explicar em termos de análise racional ou de polémica estéril, o negro tradu-las por uma expressão artística. A escultura, a música e, de uma forma especial, a dança, são os aspectos dominantes dessa expressão e constituem um elemento único no património cultural da humanidade.

A facilidade com que o africano exprime artisticamente o que pensa e sente, anda de par com uma outra característica da negritude - uma atitude emocional, ou melhor, existencial, perante a vida. Não é o negro marcado por um raciocínio de tipo dedutivo, por uma capacidade de sistematização de ideias ou factos. Distingue-o antes uma maneira global e intuitiva de entrar na realidade, abarcando-a no todo que lhe é dado ver. A esta atitude se liga a expressão última da negritude - a aceitação imediata do sobrenatural, não como resultado de longo esforço de procura, mas como uma evidência, fruto de toda a realidade que o cerca. Todas as manifestações do quotidiano são para o negro expressão de uma realidade de mistério em que se sente mergulhado e que penetra todos os sectores da vida. A própria exuberância da vida natural que o cerca, o ritmo fora do nosso ritmo com que decorre o tempo e os acontecimentos, en-



contram eco na atitude do negro perante as realidades do espírito - para ele tudo se explica em termos de uma força vital agindo directa ou indirectamente no interior das pessoas e das coisas. À falta de equivalente na nossa civilização ocidental, chamaram-lhe os filósofos animismo.

É o animismo que determina a atitude religiosa do negro (É certo que contém em si também potencialmente o caminho para formas não-religiosas. É fácil, numa atitude destas, que a liturgia se transforme em magia - é essencialmente a emancipação do homem, não só celebrando o mistério mas supondo que o determina). E tem sido por demais focada a importância desta atitude religiosa básica, como abertura ao catolicismo. A alma negra pressente o mistério - sabe escutá-lo nas coisas simples da vida como nas atitudes de fundo. Por isso a realidade não se lhe apresenta com a nudez crua que os ocidentais lhe encontram. Cada coisa, cada ser é símbolo de outras realidades que pertencem ao domínio do mistério. O símbolo transmite-lhe a verdade que ele desconhece mas que pressente, atento como está à beleza escondida, à vida que mal se revela, às causas últimas das coisas e dos acontecimentos.

Esta submissão ao mistério e este entendimento do símbolo são na alma do negro a possibilidade real de apreensão do cristianismo nos mistérios que o integram e na liturgia que é o mistério central rodeado de símbolos.

A encarnação do cristianismo em África tem de assumir estes valores da alma negra. Não pode apresentar-se como uma doutrina friamente elaborada ou como um código de moral. É uma vida - um mergulhar no mistério, um assumir de valores e de símbolos, uma revelação dum pensamento-acto de amor do Deus Criador e Providência.

Poderá perguntar-se : se existe na alma negra essa abertura aos valores essenciais do cristianismo, como se explica a existência de outras forças ideológicas no continente africano e a influência que exercem ? Vou referir-me unicamente àquelas que o Santo Padre refere na Encíclica "Fidei donum".

O comunismo aparece completamente desligado do seu conteúdo filosófico para se identificar com a emancipação política ou com sistemas económicos. O africano interessa-se pelo comunismo dum forma puramente egoísta. No entanto, o perigo é extremamente grave e só pode ser evitado através da acção em dois sectores complementares :

- uma profunda formação dogmática das elites cristãs
- o estudo técnico da economia africana e da estrutura de vida que torne possível a encarnação em África da doutrina social da Igreja.

O segundo bloco ideológico é actualmente muito mais forte e constituído pelos muçulmanos. Para o total de África, contam-se actualmente 23 milhões de católicos, 85 de muçulmanos e 85 de pagãos. Nas regiões de coexistência do cristianismo e do islamismo, este expande-se duas a três vezes mais rapidamente que o cristianismo.

As causas principais deste progresso do islamismo parecem ser : proselitismo de cada muçulmano, prestígio do Islam, solidariedade muçulmana, doutrina de facilidade dogmática e moral, que é o islamismo, propaganda vinda do Cairo, apoio dos governos europeus,



influência de outros povos, como os indianos e os sírios, entre os negros.

No que diz respeito ao cristianismo, em 216 milhões de negros, 20 milhões são católicos, isto é, 10% da população africana. Esta população está a cargo de cerca de 13000 padres, 4000 religiosos, 22000 religiosas.

Qual a atitude da Igreja perante a situação actual do continente africano ?

Antes de mais, uma autêntica polarização de todos os esforços em ordem à cristianização da África.

Para que a Igreja possa assumir os valores próprios da alma negra, tem de estar profundamente consciente daquilo que no cristianismo é essencial, imutável no tempo e no espaço, e daquilo que é accidental, susceptível de ser adaptado aos diferentes povos e às diferentes épocas. Quando digo Igreja, não falo unicamente da Hierarquia, nem sequer daqueles que uma alma grande como o mundo chama ao trabalho missionário. Quando digo Igreja, digo cada um de nós.

Para que a Igreja possa dar aos povos africanos a integração numa dimensão que transcende de longe a tribo ou o clan, é necessário que ela seja uma comunidade viva. É esta comunidade que cada um de nós tem de construir.

É fácil cada um pensar que tudo isto é importante - mas que posso eu, que pode cada um de nós fazer ?

É o próprio Santo Padre que nos responde :

1º - a oração por todo o trabalho da Igreja em África, não duma forma vaga mas concretamente, dificilmente, por estas e aquelas necessidades.

2º - o alargamento do nosso catolicismo e do daqueles que nos rodeiam às dimensões do mundo, uma preocupação real, traduzida na nossa contribuição generosa para o trabalho missionário da Igreja.

3º - a possibilidade concreta do serviço da Igreja em África. Além de todas as formas tradicionais da Igreja missionária, é necessária hoje em África a presença de leigos que dêem testemunho de vida cristã em todos os sectores da actividade. Leigos que estejam ao serviço incondicional da Igreja e que tudo subordinem ao trabalho apostólico.

incompleto.